



DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Ângela Brum

Caxias do Sul, 2020.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a aprovação na disciplina PSI0519AC –
Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a
orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Cemin.

Ângela Brum

Caxias do Sul, 2020.

AGREDECIMENTOS

É difícil expressar em palavras o sentimento de gratidão que estou tendo ao concluir meu TCC, momento único em minha formação. Este trabalho, e toda minha formação até aqui só foi possível porque pessoas incríveis estiveram ao meu lado.

Aos meus pais, maiores incentivadores durante toda a minha trajetória. A minha mãe Neusa, aquela que nunca mediu esforços para me ver bem, e realizando os meus sonhos, também é minha maior inspiração de vida, força e determinação, obrigada por sempre estar ao meu lado. Ao meu pai Marí, que sempre priorizou meus estudos e sempre batalhou para tornar isso possível, nós sabemos de todo o teu esforço e dedicação. O que vocês fazem por mim, não consigo expressar em palavras. Obrigada por tanto, eu amo vocês!

Agradeço ao meu namorado, Luan, por dividir comigo este momento, pela paciência e parceria, tu estás sendo muito importante nessa trajetória, sou grata por ter você ao meu lado. Eu amo nós. Eu amo você!

Aos meus pequenos príncipes, Pedro, Edegar, Miguel e Davi. Vocês são meus presentes de vida, a chegada de cada um tornou meus dias ainda mais lindos, a dinda (dindinha) ama infinitamente vocês!

Um agradecimento especial a minha orientadora, Profa. Dra. Tânia Maria Cemin. Sou grata pelo modo como conduziste esse trabalho junto comigo, por me passar confiança através do teu trabalho, fazendo eu acreditar no meu TCC e em mim. Da mesma maneira nos estágios, sou eternamente grata por toda paciência e dedicação que tens.

Agradeço, por fim, a Universidade de Caxias do Sul, a qual proporcionou contato com profissionais excelentes. Aos demais professores, obrigada por todo o ensinamento, e por dividirem comigo o amor por essa profissão incrível.

“Enquanto os amantes viajam por mares azulados, o casal dá à costa nas margens da realidade.”

Tenenbaum, 2000.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
Objetivo geral	10
Objetivos específicos	10
REVISÃO DA LITERATURA	11
Teoria sistêmica no estudo das relações conjugais.....	11
Relações conjugais	14
Dependência emocional	16
MÉTODO	21
Delineamento	21
Fonte	21
Instrumentos	22
Procedimentos	23
Referencial de análise	23
RESULTADOS	25
DISCUSSÃO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias de análise e trechos do artefato cultural	25
--	----

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a dependência emocional nas relações conjugais, considerando as relações primárias com a família. Para tanto, realizou-se a revisão da literatura sobre a teoria sistêmica no estudo das relações conjugais, relações conjugais e dependência emocional. Com isso, foi identificado que a dependência emocional patológica pode ter relação com a família de origem. Optou-se pelo delineamento qualitativo, utilizando-se das abordagens interpretativas e exploratórias. A fonte utilizada foi o artefato cultural “Mulheres que amam demais”, publicado nos anos oitenta, escrito por Robin Norwood. O livro retrata histórias de mulheres que vivem, ou viveram a dependência emocional em relacionamentos conjugais, e como a família de origem influencia na escolha do parceiro conjugal. Para o referencial de análise, fora utilizado a análise de conteúdo de Lavilli e Dione, com a identificação de categorias. Os trechos do livro selecionados na primeira categoria referem-se às relações primárias com a família, a segunda categoria trata-se das relações conjugais, e a terceira categoria retrata a dependência emocional de mulheres que acabam se dedicando inteiramente ao outro, e esquecendo de si mesma. Por meio da construção dessa pesquisa, também identificou-se a importância do profissional da psicologia no trabalho com casal, individual, para assim entender a dependência emocional, e como a mesma pode transforma-se em algo patológico.

Palavras-chaves: Relações primárias com a família; Relação Conjugal; Dependência emocional patológica.

INTRODUÇÃO

Este tema justifica-se devido ao interesse, enquanto acadêmica, em explorar de forma mais detalhada a atuação do profissional de psicologia na clínica com casais, especificando a dependência emocional que pode se transformar em algo patológico, dado que esta situação pode ser considerada como geradora de sofrimento. Em disciplinas como Família e Processos Psicossociais, houve a apresentação de conceitos fundamentais acerca do funcionamento de um sistema familiar, conseguiu-se perceber a importância da cultura, crenças, e mitos familiares, e como isso implica na escolha do cônjuge.

Emídio e Rodrigues (2019) afirmam que os relacionamentos amorosos estão apoiados em situações emocionais arcaicas em relação aos pais, mas é sempre uma nova forma de vinculação, sendo possível a mudança e a elaboração com ela e a partir dela. As transformações familiares provocam novos arranjos e vínculos, perante isso, são discutidas as funções parentais, e a repercussão no estabelecimento dos vínculos amorosos.

Ao cursar disciplinas como Psicologia e Psicoterapia Sistêmica, e Intervenção em Contexto de família, foi possível aproximar-me mais da teoria sistêmica e como a mesma trabalha com casais e famílias. Suscitando maior curiosidade referente ao exercício da profissão no ambiente clínico com casais.

Para a construção da pesquisa, buscou-se uma integração desses estudos realizados no decorrer do curso, ou seja, estudar e poder compreender melhor a dependência emocional patológica nas relações conjugais, quais são as suas implicações, e como o profissional de psicologia da área clínica sistêmica pode contribuir nessas situações.

Minuchin e Fishman (1990) detalham como a teoria sistêmica, e a técnica fornecem um caminho possível para a mudança, porém, só será eficaz se o terapeuta conhecer e entender a dinâmica familiar do sujeito que está sendo atendido. Isto significa que, durante o processo terapêutico, é necessário ter um conhecimento sobre os subsistemas onde o sujeito está inserido, para abordar alguma intervenção que possa ser eficaz no caso. Por isso, antes de propor qualquer intervenção, é importante mapear todas as hipóteses e conhecer a dinâmica familiar/ou conjugal. Para assim, realizar, de forma

adequada, um acompanhamento psicoterápico com indivíduos, e/ou casais que se encontram em relacionamentos conjugais emocionalmente muito dependentes.

Boscardin e Kristensen (2011) entendem a questão da dependência emocional como sendo um padrão de relacionamento aprendido na infância, no qual a maioria são mulheres, que passaram por experiências contínuas de desamparo em que, por muitas vezes, sentiram-se na iminência de serem abandonadas e fizeram esforços constantes para evitar o abandono real ou imaginário. Com isso, o indivíduo se torna dependente do amor do parceiro, em uma intensidade que pode ser considerada patológica e faz tudo para não correr o risco de perder a pessoa que ama, deixando de lado seus próprios interesses e desejos.

Martini (2012) afirma que o dependente emocional quando entra em um cunho patológico costuma apresentar características como baixa autoestima, pouca autonomia, insegurança, baixa tolerância à frustração, ciúme excessivo, vulnerabilidade ao sofrimento e falta de controle. Na relação conjugal, o dependente emocional tende a sugar seu parceiro, levando ao desgaste da relação.

Conforme Acselrad e Barbosa (2017), indivíduos que apresentam um vínculo de extrema dependência emocional nos relacionamentos, possuem uma necessidade de amar de forma muito intensa, e simultaneamente, um receio de se ferir. Sujeitos com padrões patológicos de relacionamentos emocionais dependentes tendem a compreender que a vida é medida pelo amor do seu amado.

Em virtude de uma série de efeitos, tanto psicológicos, como sociais, considera-se importante um olhar voltado aos cuidados e promoção de qualidade de vida do sujeito que imprime um nível alto de dependência emocional, muitas vezes identificado na relação conjugal. Bem como, aprofundar os conhecimentos acerca da terapia sistêmica, em especial o estudo voltado para casais, uma vez que, é o profissional de psicologia que estará em constante contato com o paciente, e possivelmente com o cônjuge, devido à intensidade de dependência emocional.

Portanto, o tema da pesquisa é dependência emocional que pode adquirir uma intensidade patológica nas relações conjugais. E o problema consiste em: quais as possíveis implicações da dependência emocional patológica nas relações conjugais?

OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar as possíveis implicações da dependência emocional patológica nas relações conjugais por meio da teoria sistêmica.

Objetivos específicos

Descrever as principais contribuições da teoria sistêmica no estudo das relações conjugais;

Apresentar a dinâmica das relações conjugais;

Caracterizar o conceito de dependência emocional.

REVISÃO DA LITERATURA

Teoria Sistêmica no estudo das relações conjugais

O casamento e projetos de constituir uma família se inserem no horizonte da vida de algumas pessoas de modo inédito. Em primeiro lugar, quando se trata de um casamento, há maior necessidade de que os parceiros conciliem suas individualidades, de modo que o vínculo conjugal não acabe frustrando seus planos individuais. Em segundo lugar, a família, a sexualidade, e até a procriação, está se delineando como projetos individuais, e não mais como projetos a serem construídos necessariamente com alguém com quem se compartilha um projeto de vida (Borges, Magalhães & Féres-Carneiro, 2014).

Segundo Caillé (citado em Porreca, 2019), todo casal cria seu modelo único de se relacionar, uma maneira única de ser casal definida pela existência conjugal de duas pessoas que determinam suas fronteiras e significados. Sendo duas pessoas que encontram uma habilidade comum e própria de relacionar-se. Num relacionamento saudável, os casais possuem uma comunicação positiva, a intimidade é mais profunda, o poder é mais distribuído, a autoestima é maior, em função dos direitos e deveres que cada conjugue exerce (Addo & Sassler, citados em Xavier, 2013).

Na clínica com casais é possível observar, segundo Levy e Gomes (2008), características de laços perversos, sendo casos, de um homem sem trabalho, ou a vida profissional em fracasso, e uma mulher com sucesso profissional, ou obtendo algum tipo de melhoria na vida profissional, tornando-se provedora da vida familiar. A perda fálica do marido gera queixas em relação a esposa. Historicamente o homem sempre ocupou o lugar de provedor da família, quando inverte os papéis, como citado acima, o marido sente-se intimidado pelo lugar em que a esposa acaba conquistando e conseqüentemente adquirindo, com isso o mesmo começa criticar, pois ela não está mais no lugar de esposa ideal, aquela a quem tudo serve ao marido.

Levy e Gomes (2008) apontam que desde o Brasil Colônia, o modelo de família patriarcal está presente, sendo vínculo homem-mulher no qual implica relações de poder. A mulher se encontrava vivendo a submissão existente na relação E evitando conflitos, o

papel de esposa e mãe carregava valor extraordinário, aquelas que não respondiam à altura eram consideradas anormais.

Rosa e Gonçalves (2010) partilham da ideia que o casal funciona como uma microssociedade, enfrentam um conjunto de diversas expectativas, constrangimentos e exigências tanto pessoais como sociais.

Kaufmann (citado em Borges, Magalhães e Féres-Carneiro, 2014) aponta que depois de um tempo de convívio em que o casal já se conhece bem, e está há um tempo dividindo a vida, pode ocorrer desconforto identitário. O tempo do conforto estável da relação conjugal permite que o casal faça economia, deixe-se levar pela rotina sem sentir tédio, consegue tolerar sentimentos negativos. Raramente desejos, surpresas, e paixão mantém o relacionamento conjugal, a não ser em momentos de brechas do que é habitual, como em viagens, por exemplo. Nessa fase, os sujeitos podem perder um pouco da liberdade, a possibilidade de reinventar-se, em que existia no início da história do relacionamento, pois a manutenção do vínculo exige flexibilidade dos cônjuges.

Sobre a terapia de casal Féres-Carneiro (1994) apresenta como um caso particular de terapia familiar. Na clínica de casais constata-se um sofrimento referido especificamente ao casal, sintomas conjugais e uma queixa centrada nos problemas do casal. A terapia sistêmica de casal, tem o foco na interação conjugal como parte da descrição do que seria funcional em um casal, sempre em relação ao contexto mais amplo da família (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2010).

A terapia de casal deve incluir uma compreensão sistêmica do processo de mudança, explicitando os procedimentos de intervenção e integrando as diferentes questões da subjetividade dos clientes, respondendo às demandas em diversos pontos do ciclo conjugal e familiar (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2010).

A terapia de casal possibilita a intervenção do profissional da psicologia, podendo minimizar disfuncionalidades que afetam e impedem o crescimento conjugal. Este tipo de intervenção proporciona amadurecimento emocional à compreensão das desavenças que podem desalinhar o funcionamento saudável da união. Redirecionando, assim, os entraves provindos das famílias de origem, e, amenizando surpresas que possam desestabilizar o funcionamento conjugal (Quissini & Coelho, 2014). Costa, Delatorre, Wagner e Mosmann (2017) partilham da mesma ideia dos autores citados anteriormente,

em que a psicoterapia pode auxiliar o casal a identificar estilos destrutivos de resolver conflitos aprendidos na família de origem e alterar padrões de comunicação negativa.

A psicoterapia de casal foca, principalmente, a resolução de conflitos, a comunicação conjugal e, a satisfação com o relacionamento (Costa, Delatorre, Wagner & Mosmann, 2017). Paixão, Gomes, Diniz, Couto, Vianna e Santos (2014) salientam ainda a importância de se disponibilizar espaços para que o casal tenha a oportunidade de refletir as suas relações e encontrar caminhos para uma vida conjugal respeitosa, favorecendo uma relação permeada pelo diálogo. Incluem-se, nessas ações, o exercício de meios respeitosos para a resolução de conflitos que se apresentam no dia a dia do casal.

O compromisso da terapia é com a promoção da saúde psicológica dos membros do casal e não com a manutenção ou a ruptura do casamento. A rigidez e a estereotipia quase sempre caracterizam a patologia, enquanto a flexibilidade e a possibilidade de mudança apontam para a saúde. Em alguns casos, a mudança de um dos membros do casal em terapia, ou da interação conjugal, leva à ruptura do casamento. Em outros, é a rigidez e a impossibilidade de mudar que levam a tal ruptura (Féres-Carneiro, 1994).

Von Muhlen e Sattler (2016) afirmam que habilidades podem ser aprendidas, seja numa terapia de casal ou numa terapia individual, para que indivíduos possam ter relações conjugais mais satisfatórias. Uma das habilidades que surge como muito relevante nas relações conjugais é o senso de humor, que leva a uma maior positividade e flexibilidade na resolução de conflitos, até mesmo ajudando em outra habilidade, que é a capacidade de se comunicar claramente, protegendo a satisfação e estabilidade do casal.

Com isso, buscar ajuda psicológica pode melhorar a forma de relacionamento dos cônjuges, além de auxiliá-los na descoberta de novas estratégias de resolução de conflitos, evitando a separação, se assim desejarem (Razera & Falcke, 2014).

Dentro da Psicologia, o Pensamento Sistêmico pode ser utilizado tanto para o embasamento teórico de pesquisas quanto na intervenção clínica com indivíduos, famílias, casal e grupos sociais. Pensar sistemicamente, embasando-se na ciência novo paradigmática, implica reconhecer o sujeito no seu contexto; o terapeuta ou pesquisador se inclui no sistema no qual intervém, ou que estuda, entendendo que a realidade não é estática e nem presumível. Assim, pensar sistemicamente não significa negar os fenômenos intrapsíquicos, e sim buscar compreender e trabalhar os fenômenos psíquicos

de uma complexa rede de relações interpessoais (Gomes, Bolze, Bueno & Crepaldi, 2014).

Relações conjugais

A fragilidade dos laços humanos vivenciados na contemporaneidade transformou o amor numa mercadoria, que pode ser consumida e trocada por outra melhor e mais nova quando deixa de produzir satisfação. Os relacionamentos conjugais ao longo da vida de uma pessoa podem ser comparados a busca pela felicidade, para muitos compreendida como o único fator que traria completude ao indivíduo. Estar com uma pessoa em uma relação de amor pode instituir uma espécie de status mais alto para o indivíduo, em comparação com sujeitos que não estão em um relacionamento conjugal, com isso, o que importa realmente é se encontrar em um relacionamento. Se esse relacionamento não estiver dentro do esperado, ele pode vir a ser trocado (Carvalho & Rocha, 2018).

No passado, a manutenção dos relacionamentos familiares era compreendida como responsabilidade das mulheres, elas cuidavam das crianças, e dos homens. Hoje as mulheres se encontram independentes, com isso, o cenário citado acima está mudando, não é somente responsabilidade da mulher manter os relacionamentos familiares (Carter & McGoldrick, 1995).

A preocupação com o risco de perder o marido, não é algo que assombra mais, em vez disso dá lugar à preocupação de ganhar autonomia e orientar adequadamente o filho, manter o casamento deixa de ser o objetivo principal, as relações conjugais parecem envolver maior cumplicidade entre os cônjuges; há redução de interdições em relação à mulher; reduz-se a limitação à esfera doméstica e a profissionalização feminina ganha lugar; o investimento feminino no casamento passa a dividir espaço com o maior envolvimento masculino (Coutinho & Menandro, 2010).

O progresso das relações conjugais, marcadas pela não obrigatoriedade da formalização da união, a facilitação do divórcio para as relações formalizadas e a garantia de igualdade de direitos entre os cônjuges, diferentemente dos modelos tradicionais em que os papéis masculinos e femininos eram bem definidos e perpetuavam a supremacia dos homens (Alves, Scorsolini & Santos, 2016).

Paixão, Gomes, Diniz, Couto, Vianna e Santos (2014) apresentam um outro olhar sobre relacionamentos, em que a construção social de mulheres e homens está permeada pela desigualdade de gênero. Conforme o discurso das mulheres, o homem pensa ser o detentor do saber, do poder e da razão, se acha dono da mulher, e que está deve-lhe subserviência e obediência, sem poder expressar os seus desejos, vontades e pontos de vista, sem poder jamais discordar do que o seu companheiro pensa. Tudo isso podendo levar ao desgaste da relação do casal e até mesmo à violência conjugal.

Os relacionamentos conjugais despontam como forma de interação que apresentam elementos positivos e negativos, capazes tanto de contribuir para a qualidade de vida quanto para o sofrimento. Sabe-se que os relacionamentos conjugais, quando considerados uma fonte de bem-estar, são um importante fator de proteção da saúde mental, favorecendo o crescimento individual e a satisfação conjugal (Schlösser, 2014).

Um fator importante o relacionamento conjugal envolve a atribuição que um parceiro faz sobre a responsabilização da felicidade sobre o outro. Isto acontece quando não há uma complementação das necessidades pessoais, que assim serão projetadas no companheiro. Tal fato marca a importância da diferenciação para o sucesso dos relacionamentos conjugais (Manente, 2019).

Existe um crescente reconhecimento de que satisfação conjugal não é meramente a ausência de insatisfação com o casamento que se tem, como se nota pelo uso da expressão “casal funcional”. O que leva à satisfação conjugal parece não ser simplesmente o inverso do que leva a sofrimento conjugal (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2010).

Segundo Razera e Falcke, (2014) o casal repete alguns padrões de relacionamento vivenciados nas famílias de origem. Quissini e Coelho (2014) apresentam que os valores culturais das gerações anteriores, vão influenciando, sem que se perceba, no transcorrer da vida em seus membros, em decisões idiossincráticas, externando-as em direções vitalícias. Essas influências familiares, quando maléficas, podem aprisionar o avanço conjugal, a partir da intensidade desses registros, manifestando obstáculos, levando a sentimentos de desilusões e comportamentos que tendem a bloquear o avanço do casal, originando dificuldades na evolução do relacionamento amoroso.

Ao se ligarem pelas vias do casamento, os cônjuges unem também dois sistemas de valores, de crenças e diferentes modos de subjetivação. Assim, formar-se-ia um

terceiro sistema, constituído pelos modelos de cada cônjuge. Os modelos trazidos por cada cônjuge, a partir da sua família de origem, não são simplesmente somados, mas contribuem para a criação de um terceiro sistema, um terceiro espaço coabitado por ambos, no qual convive tanto a transformação das suas identidades, a fim de se construir uma identidade conjugal, quanto a permanência de certos aspectos identitários, o que permite que os parceiros possam tanto se fundir como se diferenciar no processo de construção da conjugalidade (Scorsolin & Santos, 2014).

Com a formação do casal, haverá um entrelaçamento de representações precoces oriundos de cada parceiro, que, ao serem introduzidos na relação conjugal, originarão um padrão interacional novo e específico desses cônjuges. Essas representações correspondem às referências que configuram os modos habituais como as pessoas compreendem o mundo e veem as coisas. As crenças construídas por cada cônjuge ao longo das vivências com as suas famílias de origem estariam incluídas na constituição dessas representações (Alves, Scorsolini & Santos, 2016).

A visão que cada indivíduo tem de suas necessidades amorosas são subjetiva e cada um vai se adaptar ao que cabe à sua necessidade, de acordo com o meio em que foi criado, a partir das histórias que ouviu quando era criança e também pelo que lhe agrada no outro. Não cabe julgar a forma de amor que desperta o interesse do outro (Carvalho & Rocha, 2018).

Um relacionamento adulto pode envolver a perda da individualidade, pela entrega total ao outro, e a perda da privacidade, principalmente, no uso dos recursos do mundo virtual. No entanto, é possível a construção de um relacionamento conjugal bem-sucedido, dia após dia, consolidado pelo enfrentamento dos conflitos, pelas oportunidades de os indivíduos irem se reconhecendo dentro da relação e por passarem a enxergar o outro real, sem o recurso da fantasia. Podemos compreender, então, que o que move a busca por relacionamentos conjugais, e o que faz com que um relacionamento seja bem-sucedido, depende principalmente das escolhas das pessoas envolvidas (Carvalho & Rocha, 2018).

Dependência Emocional

Bution e Wechsler (2016) caracterizam a dependência emocional como um transtorno por comportamentos aditivos em relacionamentos amorosos. Para Boscardin e

Kristensen (2011) a dependência emocional é um transtorno no qual o indivíduo é dependente do amor do parceiro e faz de tudo para não perdê-lo, prestando cuidados e atenção de maneira repetitiva, impulsiva e sem controle com o objetivo de evitar o abandono. Segundo Villa-Moral, Sirvent, Ovejero e Cuetos (2018), a dependência emocional é descrita como um tipo de dependência sentimental caracterizada pela manifestação da interdependência relacional.

A dependência emocional é um transtorno caracterizado por comportamentos aditivos em relacionamentos amorosos. Entretanto, ainda há debate se esta dependência seria considerada uma patologia, como denominá-la e quais sintomas a definiriam (Bution & Wechsler, 2016). Sophia et al. (citados em Fabeni, Souza, Lemos & Oliveira, 2015) apontam que a dependência emocional é uma patologia apresentada com frequência nas clínicas de psicologia, tendo como característica o comportamento de cuidado e atenção pelo outro, e conseqüentemente não demonstra mais interesse por assuntos que até então tinha valor. Permanecendo em relacionamentos conjugais insatisfatórios. A dependência emocional atinge mais mulheres em função que elas valorizam mais a relação a dois e tudo o que a mesma envolve (Boscardin & Kristensen, 2011). Desde crianças as meninas são ensinadas e educadas a cuidar da casa e dos filhos, conseqüentemente do cônjuge. Historicamente as mulheres sempre foram estimuladas a ocuparem lugares de cuidadoras, desde a vida pessoal, até a vida profissional. Dentro dos relacionamentos conjugais o cuidar parece ter um peso ainda maior, o estar disponível para o outro passa a ideia de amor verdadeiro.

Aspectos de cunho neurológico envolvidos nas relações amorosas utilizam das mesmas vias neurais que substâncias psicoativas, ativando o sistema de recompensa do cérebro, criando sistema de dependência similar (Fisher, Aron, & Brown, citados por Bution & Weschler, 2016). Segundo Sirvent (citado em Bution & Weschler, 2016), a dependência em relacionamentos é caracterizada por comportamentos adicionais tendo como base os relacionamentos interpessoais.

Segundo Allen e Allan (citados por Fabeni, de Souza, Lemos & Oliveira, 2015) o sujeito que é dependente emocional não sente-se capaz de cuidar da sua estrutura emocional, perdendo assim sua identidade. A dependência emocional está ligada a uma relação de codependência, em que é uma disfunção na qual o indivíduo perde a sua identidade para agradar os outros, tendo dificuldade de entrar em contato com o seu

interior, passando a viver, cuidar e controlar o outro (Fabeni, de Souza, Lemos & Oliveira, 2015).

Villa-Moral, Sirvent, Ovejero e Cuetos, (2018) detalham que dependentes emocionais são pessoas psicologicamente vulneráveis que manifestam cegueira um ao outro, o que pode ser explicado pela conjunção de ilusões e / ou atribuições, hedonismo e expectativas. Segundo Hoyos, Jaramillo, Calle, León, e De la Ossa (2012) a dependência emocional é apresentada como um padrão que envolve aspectos cognitivos, emocionais, motivacionais e comportamentais orientados para o outro como fonte de satisfação e segurança pessoal, o que implica crenças errôneas sobre o amor, a vida como casal e a si mesmo.

Melo e Mota (2013) apontam a dependência emocional como causa para baixa confiança do indivíduo nas relações estabelecidas, com repercussões no seu bem-estar psicológico. Villa-Moral, Sirvent, Ovejero & Cuetos (2018) traçam o perfil do dependente emocional através de sentimentos negativos como tristeza, desânimo, culpa, insatisfação, medo da solidão, baixa tolerância à frustração, e tédio, além de um forte vácuo emocional juntamente com os desejos de autodestruição, eles tendem a experimentar um estado mental disfórico médio e um acentuado sentimento de incapacidade emocional.

Indivíduos com dependência emocional experimentam altos níveis de medo ao pensar que o seu relacionamento pode terminar. Por esse motivo, impedirá que isso venha acontecer por todos os meios e é possível que tolere comportamentos que variam de desatenções simples e esporádicas por parte do seu parceiro a insultos e ofensas repetitivas, incluindo agressões físicas. Se a qualquer momento o seu parceiro decidir encerrar o relacionamento, ele implorará para que o outro reconsidere a sua decisão, implorará para que lhe dê uma nova oportunidade, pedirá perdão por falhas que não cometeu e, assumirá toda a responsabilidade para que o relacionamento não termine. Ele demonstrará resistência ao término desse relacionamento e, se o rompimento ainda ocorrer, ele manterá uma comunicação direta ou indireta, como por exemplo, a verificação as redes sociais (Tello, 2015). Quando a reciprocidade não existe para o dependente emocional, o mesmo costuma ter adição aos sintomas habituais como choro, perseguição obsessiva, invasão, persistência dos comportamentos (Pharo, 2015).

Sujeitos com dependência emocional, assumem papel de submisso e de subordinado ao parceiro. Nesse contexto, um dos cônjuges obedecerá ao que o outro disser, sem avaliar cognitivamente esses pedidos, ou ordens. Os interesses pessoais ficarão em segundo lugar e provavelmente serão ignorados. Não terá o direito de comentar nenhum aspecto do relacionamento, nem a liberdade de expressar o que o incomoda no outro. Gradualmente, proibições, humilhações, e aceitação incondicional são instaladas no relacionamento, que já constitui abuso psicológico. Este tipo de relacionamento também abre espaço para a violência física, a subordinação e a submissão são consolidadas, a dependência emocional se torna crônica e a violência por parceiro íntimo é consolidada (Tello, 2015). Segundo Fabeni, Souza, Lemos e Oliveira (2015), a dependência emocional, através da submissão psicológica do indivíduo, faz com que busque no parceiro uma forma de suprir a sua carência afetiva.

Os relacionamentos conjugais nem sempre são vividos de forma saudável, um dos cônjuges pode apresentar comportamentos e atitudes exageradas, demandas afetivas insatisfatórias, exigindo que o companheiro supra suas necessidades. O relacionamento saudável seria aquele em que os dois se dedicam ao relacionamento havendo troca e equilíbrio (Fonsêca, Couto, Silva, Guimarães & Machado, 2020).

As pessoas com dependência emocional estabelecem relações assimétricas de forma que se colocam sempre no polo inferior à pessoa amada. Tal situação pode ocasionar prejuízos nas atividades do cotidiano, já que surge a necessidade excessiva de estar com o outro para conseguir estabilidade emocional. Por vezes, chega a abandonar compromissos pessoais, não cumprir com as responsabilidades profissionais e renunciar os próprios anseios em função da necessidade de estar com o outro (Izquierdo & Gómez-Acosta, citados em Fonsêca, Couto, Silva, Guimarães & Machado 2020).

Humérez e Gonzales (2020) apresentam as fases do relacionamento emocionalmente dependente, sendo a primeira fase a euforia, em que o sujeito emocionalmente dependente encontra a pessoa certa, salvadora, o sujeito esquece de si, tornando-se submisso para consolidar o relacionamento. A segunda fase é a subordinação, o desequilíbrio toma conta do casal devido aos papéis já estabelecidos de dominação e subordinação, para assim não haver o rompimento do relacionamento. A fase três é a deterioração, além da fase da submissão e dominação, a terceira agrega humilhação, violência, maus-tratos físicos ficam evidentes para terceiros. Fase quatro é denominada como ruptura ou síndrome de abstinência, onde o casal rompe o relacionamento, o

dependente emocional busca a reconciliação, pois não aceita a separação, tem dificuldade de aceitação em relação a dor e a solidão que acarreta o estar sozinho. A quinta fase é relacionamentos de transição, que após o rompimento, o dependente emocional procura outro parceiro para preencher o vazio existente, o relacionamento é temporário, até que encontre o parceiro certo. A sexta e última fase é o reinício do ciclo, sendo o término de um ciclo e o início de outro.

MÉTODO

Delineamento

Foi escolhida pesquisa qualitativa para a realização deste trabalho. Chueke e Lima (2011) afirmam que a pesquisa qualitativa é um tipo de pesquisa na qual envolve a subjetividade e múltiplas interpretações. Dessa forma, deve-se abrir espaço para possibilidades narrativas, deixando de lado a generalização. Godoy (1995) ressalta que a pesquisa qualitativa não tem como foco enumerar e/ou medir os eventos estudados. Envolve a obtenção de dados, possibilitando o pesquisador a compreender a perspectiva de determinada situação a partir da visão do sujeito estudado. Isso quer dizer que os focos podem ser diversos e irão se definindo no decorrer do estudo.

Utilizou-se os tipos de pesquisa interpretativa e exploratória uma vez que, possibilita-se o aprofundamento da investigação sobre determinado acontecimento, como também valer-se de uma vertente teórica para a interpretação desses dados. O termo pesquisa interpretativa deriva do reconhecimento dos processos interpretativos e cognitivos pertencentes à vida social (Cassiani, Caliri & Pelá, 1996). Já na pesquisa de cunho exploratório, busca conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro. (Raupp & Beuren, 2006).

Fontes

O artefato escolhido foi o livro “Mulheres que amam demais” de Robin Norwood, publicado no ano de 1985, traduzido em vinte e cinco idiomas, incluindo o português. Norwood é psicóloga, e através dos relatos de suas pacientes percebeu uma síndrome em que nomeou como “mulheres que amam demais”. No livro está retratado aspectos da dependência emocional com cunho patológico em torno dos relacionamentos conjugais desajustados, bem como o relacionamento familiar. Apesar do livro ser dos anos oitenta, o assunto continua atual, sendo assim um artefato de estudo.

O livro é dividido em onze capítulos, mais apêndices. Foram escolhidos três casos apresentados no mesmo para serem utilizados no presente trabalho. Sendo o primeiro caso de Jill, uma mulher de 29 anos de idade, estudante de direito, em que procurou a terapia

pois estava infeliz por acreditar que afastava os homens de si. Jill conheceu Paul em um bar, duas semanas depois estavam morando juntos, a mesma relata que nada era maravilhoso. O casamento de Jill acabou quando o marido assumiu relacionamento com outra mulher. Jill também fala sobre o relacionamento com o pai, a mesma trás que ele é um homem teimoso, e que nunca conseguiu ganhar uma discussão dele, acredita ser por isso que escolheu o curso de direito, conta também que o pai nunca demonstrou sentimentos em relação a ela.

O segundo caso é de Trudi. Trudi conheceu Jim na universidade, o mesmo é casado, com dois filhos, e a esposa estava grávida. A aproximação dos dois se deu através de Jim confiar a Trudi a sua infelicidade no casamento, alegando que casou-se jovem, a mesma se sentiu lisonjeada por ele estar dividindo o que sentia com ela. Uma semana depois estavam se encontrando em um apartamento de um colega de trabalho de Jim. Com o tempo Trudi foi afastando-se dos amigos, e deixando de fazer coisas que gostava para dedicar-se aos encontros com Jim, em troca Trudi recebia atenção de Jim quando estavam juntos. Trudi cresceu em um lar em que o pai nunca estava em casa, e a mãe cobrava-o por isso.

O terceiro caso é de Peggy. Ela conheceu Baird em uma noite que saiu para dançar com uma amiga. Baird a telefonou alguns dias de depois convidando-a para almoçar. Peggy saiu do almoço acreditando que os dois não tinham nada em comum, ela conta que não se divertiu, e não se sentiu confortável. Dois dias após ele a telefonou, e convidou para sair, Peggy ficou aliviada, se ele tinha se divertido para refazer o convite, estava tudo bem. Baird rompeu com Peggy várias vezes antes do casamento, e ela conseqüentemente ficava arrasada quando isso acontecia. O casamento terminou em dois meses, após Baird dizer o quanto era infeliz com Peggy, pois não conseguia ser ele mesmo, ela sempre tentava-o consertar de algum modo. Peggy não conheceu o pai, foi criada pela avó e a mãe, ela relata que a avó era uma pessoa cruel, a mesma dizia que Peggy e a irmã não serviam para nada. Peggy lembra que sempre tentava consertar algo que estava quebrado em casa, para economizar e ganhar seu sustento.

Instrumentos

Foi construída uma tabela que contemple os objetivos específicos, com o intuito de apresentar os dados coletados do livro, para assim organizar o material utilizado, facilitando a compreensão e interpretação do leitor.

Procedimentos

A coleta de dados para a elaboração da revisão da literatura foi realizada através de artigos científicos encontrados na base de dados do PePsic, CAPS, *Scielo*, livros, artefatos culturais e sites que sejam de cunho verdadeiro e confiável para a pesquisa. As pesquisas realizadas demonstraram resultados com os seguintes descritores: famílias de origem, relações conjugais, teoria sistêmica, terapia de casal, dependência emocional, dependência afetiva e amor patológico.

O primeiro passo foi escolher o artefato cultural, o livro “Mulheres que amam demais” que retrate a dependência emocional nos relacionamentos conjugais. Foram feitos recortes do livro e o agrupamento desses formando as categorias, para assim realizar a análise e a discussão do conteúdo. Gil (2002) relata que os procedimentos envolvem a descrição dos conteúdos que serão analisados na pesquisa.

Laville e Dione (1999) entendem que para encontrar a melhor maneira de coletar os dados, deve-se contar com o auxílio de algumas medidas que possibilitem caracterizar, resumidamente, esses dados e, para isso, torna-se fundamental o pesquisador descrevê-los. Por fim, os fatores e variáveis devem ser estudados para analisar as relações e, então, realizar uma discussão sobre esses dados estudados.

Referencial de análise

Com base no referencial de análise de conteúdo de Laville e Dionne (1999), foi realizada a organização dos materiais selecionados, a descrição destes e os apontamentos pertinentes, para assim, facilitar a contemplação do objeto de estudo. Conforme afirmam os autores, os elementos assim recortados constituem as unidades de análise, agrupando esses elementos em função da sua significação. Para a definição de categorias, optou-se pelo princípio do modelo aberto, descrito por Laville e Dionne (1999) como aquele em

que as categorias não são fixas, mas ao longo da elaboração da pesquisa, tomam forma. Por fim, para análise de conteúdo será realizada de forma qualitativa, tendo como pressuposto de análise e interpretação, o modelo de emparelhamento. Supõe a presença de uma teoria em que o pesquisador se apoiará e verificará se há correspondência entre a teoria e situação observada.

RESULTADOS

A seguir apresenta-se uma tabela contendo as categorias e os seus respectivos trechos do artefato cultural e na sequência a discussão teórica acerca dos aspectos destacados nestas. Cada um dos trechos foi nomeado de acordo com seu foco, ressalta-se que a numeração não segue ordem cronológica do artefato.

Tabela 1: Categorias de análise e trechos do artefato cultural

Categorias	Trechos do Livro
1. Teoria Sistêmica e as Relações Conjugais	<p>Relações Primárias</p> <p><u>Trecho 1: Jill:</u> “Sabe o que eu fiz uma vez? Fiz meu pai me dizer que me amava, e me dar um abraço. – Jill tentava contar isso como uma alegre piada de seus anos de adolescência, mas não funciona assim. A sombra de uma jovem magoada se revelava. – Isso nunca teria acontecido se eu não tivesse forçado. Mas ele de fato me amava. Só não conseguia demonstrar. Nunca foi capaz de dizer isso de novo. Estou realmente feliz por tê-lo forçado, caso contrário nunca ouviria dizer. Eu esperava por isso há anos. Estava com 18 anos quando disse ao meu pai “Você vai me dizer que me ama”, e não ardeei o pé até ele dizer. Então lhe pedi um abraço e realmente tive de abraça-lo primeiro. Meu pai apenas me apertou de volta e deu uns tapinhas no meu ombro, mas tudo bem. Eu realmente precisava disso. – As lágrimas agora haviam voltado, desta vez escorrendo por suas bochechas redondas. – Por que foi tão difícil para ele fazer isso? Parece uma coisa tão básica, conseguir dizer à filha que você a ama!” (p. 29).</p> <p><u>Trecho 2: Trudi:</u> “Era mesmo um inferno – lembrou Trudi. – Suas visitas sempre transformavam em brigas longas e horríveis, com minha mãe gritando e o acusando de não amar nem uma de nós, e ele insistindo em dizer que trabalhava muito e por tanto tempo por nossa causa. As vezes em que meu pai realmente ficava em casa sempre pareciam terminar com eles gritando um com o outro. Geralmente ele ia embora, batendo a porta e berrando: “Não admira que eu nunca queira vir para casa!” Mas às vezes, se minha mãe chorava demais, o ameaçava de novo com o divórcio ou tomava um monte de pílulas e ia parar no hospital, ele mudava por um tempo, voltava para casa cedo e ficava mais conosco. Então minha mãe começa a fazer refeições maravilhosas, acho que para recompensá-lo por voltar para casa e para a família. – Trudi franziu as sobrancelhas. –</p>

Depois de três ou quatro noites, ele se atrasava de novo e o telefone tocava. “Ah, entendo. É mesmo?”, dizia minha mãe friamente. Logo ela começava a gritar obscenidades e depois batia o telefone. E lá ficávamos Beth e eu, todas bem-vestidas porque papai viria jantar. Provavelmente tendo preparado uma mesa especialmente bonita com velas e flores, como mamãe sempre nos dizia para fazer quando ele era esperado em casa. E lá ficava mamãe enfurecida na cozinha, gritando, batendo panelas e xingando papai de nomes horríveis. Então ela se acalmava, se tornava fria de novo e vinha nos dizer que comeríamos sozinhas, sem ele. E isso era ainda pior do que os gritos. Ela nos servia e se sentava, sem olhar para nós. E Beth e eu ficávamos muito nervosas e quietas. Não ousávamos falar e não ousávamos não comer. Ficávamos ali na mesa tentando melhorar as coisas para mamãe, mas não havia realmente nada que pudéssemos fazer por ela. Depois dessas refeições, geralmente no meio da noite, eu tinha náuseas terríveis e vômitos. – Trudi balançou sua cabeça estoicamente. – Isso definitivamente não leva a uma digestão saudável.” (p. 48)

Trecho 3: Peggy: “Nunca conheci meu pai. Ele e minha mãe se separaram antes de eu nascer, e minha mãe foi trabalhar para nos sustentar, enquanto a mãe dela cuidava de nós em casa. Agora isso não parece tão ruim, mas era. Minha avó era uma mulher terrivelmente cruel. Não batia em minha irmã e em mim tanto quanto nos machucava com palavras, todos os dias. Ela nos dizia o quanto éramos ruins, lhe causávamos problemas e que “não prestávamos para nada” – uma de suas frases favoritas. A ironia era que todas as suas críticas só faziam minha irmã e eu nos esforçarmos mais para ser boas e valiosas. Minha mãe nunca nos protegia dela. Tinha medo da vovó ir embora e ela não poder trabalhar porque não haveria ninguém para cuidar de nós. Então apenas fingia não ver quando nossa avó abusava de nós. Cresci me sentindo muito só, desprotegida, com medo e sem valor, sempre tentando compensar o fato de ser um peso. Lembro-me de que tentava consertar coisas quebradas em casa, querendo economizar dinheiro e de certo modo ganhar meu sustento.” (p. 108)

2. Relações Conjugais

Quando amar significa sofrer

Trecho 1: Jill: “Eu me esforcei muito. Quero dizer, realmente o amava e estava determinada a fazê-lo retribuir meu amor. Seria a esposa perfeita. Cozinhas e limpava como uma louca, e também tentava estudar. Durante grande parte do tempo ele não trabalhou. Ficava à toa ou desaparecia durante dias. Isso era um inferno, a espera e as dúvidas. Mas aprendi a não perguntar onde tinha estado porque... – Ela hesitou, mudando de lugar na cadeira. – É difícil admitir isso. Eu estava certa de que poderia fazer tudo funcionar se me

esforçasse muito, mas às vezes ficava zangada depois que ele desaparecia, e então ele me batia. Nunca contei isso a ninguém. Sempre tive muita vergonha. Simplesmente nunca me vi assim, sabe? Como alguém que se permite apanhar.” (p. 31)

Trecho 2: Trudi: “– Tudo o que me interessava era fazer Jim feliz e mantê-lo comigo. Não lhe pedia nada, exceto para passar algum tempo comigo.” (p. 46)

Trecho 3: Peggy: “Cresci e me casei com 18 anos, porque estava grávida. Desde o começo fui infeliz. Meu marido me criticava o tempo todo. No início sutilmente, depois ferozmente. Na verdade, eu sabia que não o amava e me casei com ele assim mesmo. Não pensei que tivesse outra escolha. O casamento durou 15 anos porque demorei esse tempo para achar que estar infeliz era um bom motivo para me divorciar.” (p. 108)

3. Dependência Emocional

Relação Patológica

Trecho 1: Jill: “Eu sabia que quem quer que fosse a mulher, ela era tudo o que eu não era. Realmente podia ver que Paul havia me deixado. Senti-me como se não tivesse nada para oferecer a ele ou a qualquer um. Não o culpei por me deixar. Quero dizer, afinal de contas nem eu conseguia me suportar.” (p. 31)

Trecho 2: Trudi: “Saiu no jornal tudo sobre o acidente, com fotos do carro pendurado lá... mas ele nunca entrou em contato comigo. – Seu tom de voz se elevou um pouco, revelando apenas uma leve indicação de raiva saudável antes de voltar à sua desolação.” (p.45)

Trecho 3: Trudi: “Mas eu não tentei me matar para ter Jim de volta – protestou Trudi. – Só não conseguia suportar como me sentia péssima, sem valor e indesejada. – Outra pausa. – Talvez também fosse assim que minha mãe se sentisse. Acho que é assim que você acaba se sentindo quando tenta manter perto quem tem coisas mais importantes para fazer.” (p. 46)

Trecho 4: Peggy: “Baird me telefonou alguns dias depois e fomos almoçar. Quando fui ao seu encontro, ele me lançou um olhar terrivelmente desaprovador. Meu carro era velho e me senti imediatamente inadequada – e depois aliviada por ele almoçar comigo assim mesmo. Baird estava tenso e frio, e decidi deixa-lo à vontade, como se de algum modo aquilo fosse culpa minha. Seus pais viriam para a cidade visita-lo e não se dava bem com eles. Recitou uma longa lista de queixas contra os pais que não considereei tão sérias, mas tentei ouvi-lo compassivamente. Saí daquele almoço achando que lá estava alguém com quem eu não tinha nada de comum. Não me diverti. Senti-me desconfortável e um pouco zozna. Quando ele telefonou, dois dias depois, e me convidou para sair de novo, de algum modo fiquei aliviada.

Se ele tinha se divertido o bastante para repetir o convite, então tudo estava bem.” (p. 109-110).

Fonte: Ângela Brum

DISCUSSÃO

A seguir apresenta-se a discussão sobre as categorias organizadas a partir do artefato cultural, possibilitando-se uma interpretação fundamentada em referenciais teóricos e em conteúdos já tratados na revisão da literatura, abordando o que se refere às implicações de dependência emocional nas relações conjugais. Para tanto, explora-se também, as influências das famílias de origem, através das relações primárias, enquanto interferência na escolha do cônjuge e seu relacionamento posteriormente. O artefato escolhido ilustra a vivência de mulheres e de seus modelos de relacionamentos com a família de origem e com o cônjuge. Para melhor descrever, foi escolhido três casos que o livro apresenta, sendo eles o de Jill, Trudi e Peggy.

No que concerne à categoria 1– relações primárias, foi possível identificar a partir de trechos recortados que retratam a forma da relação com a família de origem de cada personagem, e o quanto esse relacionamento implica na vida adulta, especificamente abordando as relações conjugais. As experiências disfuncionais na família de origem podem ressurgir na idade adulta como resultado da repetição de padrões de relacionamento aprendidos no passado (Colossi & Falcke, 2019).

Bowen (citado por Macedo, 2017) afirma que muitas vezes, sem se dar conta, o indivíduo se casa com uma pessoa que expressa a recriação perfeita da própria família de origem. A partir desta perspectiva, a escolha do cônjuge é entendida como uma tentativa de busca de equilíbrio no relacionamento com a família de origem e de revisão de questões do passado que não estão bem resolvidas.

Um pai amado desencadeia sentimentos e intenções positivas. Um pai temido e odiado, da mesma forma que o pai ausente, também deixa sequelas, sendo Estes possíveis modelos de pai, segundo Anton (2000). Segundo a fala de Jill, no trecho 1, o pai dela não consegue demonstrar afeto, e dizer o quanto a amava, isso é algo que deixou marcas profundas em Jill. A mesma ainda tenta entender o porquê é tão difícil para ele demonstrar seus sentimentos. Quando adulta Jill teve tendências em se relacionar com homens com os mesmos padrões afetivos que o pai, em que não conseguiam demonstrar amor por ela. Conforme a mesma autora, está claro o modelo de relacionamento a ser evitado, mas, para contrabalançá-lo, o mais provável é que se crie uma imagem ideal de pai que, na realidade, não sustentará. Por outro lado, há casos em que o filho inverte os

papéis: recusa-se a proceder “como o pai”, mas escolhe um cônjuge que o represente e que aja como ele. Ambientes amorosos e seguros possuem benefícios para o desenvolvimento e o bem-estar emocional da criança, sendo também reconhecidos, que ambientes cujas práticas de interação são medidas pela privação de afeto repercute em situação de conflito (Aya-Angarita & García, 2020).

No exercício da paternalidade, o homem pode tomar para si a responsabilidade de sustentar a casa e passa para a mãe o encargo das atividades de cuidado cotidianas que o filho exige, justificando que a mãe também possui tarefas específicas com o bebê, e que ele é o único que ampara a casa financeiramente (Piccinini et al., citados por Gabriel & Dias, 2011). O pai de Trudi, a partir do trecho 2, alega trabalhar bastante por causa dela, da irmã e da mãe, e em função disso acaba não ficando em casa, deixando implícito que o cuidado da casa, e das filhas é responsabilidade da esposa, já a sua é o sustento da casa. Na compreensão do pai de Trudi, a esposa não deveria cobrar dele quando chega em casa tarde, já que o mesmo está cumprindo com suas obrigações.

Os conflitos são fenômenos naturais e inerentes às relações conjugais, em decorrência dos diferentes interesses, opiniões e perspectivas entre os membros do casal. O conteúdo do conflito refere-se aos temas que causam divergências entre os parceiros (Delatorre & Wagner, 2018). É esperado o casal vivenciar atritos, mas a forma de resolvê-los é que irá influenciar na saúde familiar que presenciar táticas construtivas de resolução de conflitos pode beneficiar as crianças ao aprenderem com isso. Assim como a violência transborda para o subsistema filial, a presença de harmonia e equilíbrio entre os cuidadores, expressa através da aliança parental, também é percebida pelos adolescentes, gerando menos sintomas. Desta forma, o casal que se utiliza de estratégias mais funcionais para resolução de conflitos, maior parceria nas relações, tende a constituir crianças e adolescentes mais saudáveis nos seus relacionamentos. Da mesma maneira, filhos de casais com altos níveis de conflito e baixa afetividade tendem a apresentar maiores níveis de sintomatologia e sofrimento psíquico (Benetti, 2006; Rocha, 2007; citados por Vian, Mosmann & Falcke, 2016). No caso de Trudi e a irmã, as duas demonstravam medo e tristeza quando os pais brigavam, e o pai partia de casa, o mesmo acontecia quando ele não aparecia para o jantar, a mãe demonstrava frieza, e com isso não conseguia demonstrar sentimentos positivos em relação às filhas, mesmo nos momentos em que elas tentavam animá-la.

O envolvimento da criança no conflito conjugal pode predispor à somatização, uma vez que a criança se vê diante de situações que lhe causam sofrimento e a deixam angustiada (Bernardes & Castro, 2010). Assim, um sintoma manifesto na criança considerado patológico pelo meio pode ser, na verdade, um protesto sadio ou uma prova da psicopatologia ambiental (Marcelli, citado por Bernardes & de Castro, 2010). Quando o pai de Trudi não aparecia para o jantar, Trudi não sentia-se bem durante a noite, tendo sintomas como náusea e vômitos.

A ausência da paternidade decorrente da dissolução conjugal, causa aos filhos sentimentos como revolta e indignação, uma vez que são entendidos como o pai poderia reverter essa condição de afastamento, caso quisesse (Sganzerla & Levandowski, citados por Cúnio & Arpini, 2014). Nos casos de dissolução amorosa, alguns homens não conseguem sustentar a paternidade e tomam como ruptura do laço conjugal como uma quebra na relação com os filhos (Giongo, citado por Cúnio & Arpini, 2014). Peggy foi criada pela mãe, com a ajuda da avó materna, pois seus pais se divorciaram antes do seu nascimento, perante o divórcio dos pais, Peggy cresceu sem conhecer seu pai, o mesmo não manteve contato com ela, nem com a irmã, depois rompimento do casamento.

As funções que os avós exercem geralmente variam e se sistematizam de diferentes maneiras. É difícil estabelecer os limites dependendo do alcance da responsabilidade dos avós em relação ao cuidado e educação dos netos. É por isso que os avós são considerados um prazer sem responsabilidade. Essa frase se refere à satisfação que os avós sentem quando não são obrigados a ser responsáveis pela educação e criação de seus netos (Noriega & Velasco, citados por Cuevas Castro, 2017). A avó de Peggy cuidava e educava ela e a irmã, enquanto a mãe trabalhava, fazendo o papel de mãe na ausência da mesma, chamando a atenção quando necessário, não exercendo o papel de avó. Em determinadas situações os avós precisam assumir papéis de pai e mãe, pois são eles os responsáveis para cuidar, e muitas vezes educar o neto como filho. Quando os avós são forçados a cumprir essas funções que originalmente pertence aos pais, os netos são privados do desenvolvimento de experiência da relação neto-avós e, portanto, valores que como avós eles não podem mais transmitir se perdem, da mesma forma que seriam como avós (Plá & López, citados por Cuevas, Castro, 2017).

Portanto, pode-se considerar que esta categoria aborda a relação com a família de origem, os modelos conjugais que as crianças e adolescentes tiveram, e como isso pode estar repercutindo na vida adulta, como também na escolha do conjugue.

No que tange à categoria 2 – quando amar significa sofrer, foi possível identificar alguns trechos do livro que retratam dentro da história de cada personagem mencionada nas categorias o quanto elas dedicaram-se para o relacionamento dar certo e assim não ocorrer o término. Para muitas pessoas, os relacionamentos são considerados como uma das principais fontes para a felicidade e satisfação pessoal (Tashiro & Frazier, citados por Bastos, Rocha & Almeida, 2019).

Para os homens, o amor não se dá como uma vocação, um ideal de vida, ao contrário para as mulheres, que culturalmente vive para o amor, em que toda a sua vida se constitui em função do amado. Há muito tempo, a mulher é valorizada como ser sensível destinada ao amor, em especial depois do século XVIII. É ela quem representa o amor absoluto. A vocação feminina para o amor é exaltada nos séculos XIX e XX pela cultura de massa (Lipovetsky, 2000). Segundo Charkow e Nelson (citados por Bution & Wechsler, 2016) é uma questão cultural acreditar que para as mulheres um relacionamento é essencial para a felicidade, assim como ser submissas aos seus maridos, satisfazendo todos os seus desejos.

A literatura feminina, os filmes e as telenovelas, entre outros produtos midiáticos, ajudaram a difundir amplamente o ideal romântico, ideologia que associa a felicidade feminina à realização amorosa. Desde crianças, as meninas assistem a desenhos animados de princesas e ouvem contos de fadas, muitos deles encerrados com a célebre frase: “casaram-se e foram felizes para sempre” (Dantas, 2015).

O ideal de felicidade, por bastante tempo, para as mulheres, estava ligado ao casamento. Lembra que as mudanças pelas quais as mulheres passaram impressionam. Ao traçar uma evolução histórica do tema, foram séculos de modelagem da esposa ideal, que deveria ser submissa, leal ao marido, obediente, fiel, discreta. Esse parecia ser o segredo para o bom casamento e, por consequência, para a felicidade feminina (Del Priore, citado por Dantas, 2015). Para Jill, quanto mais ela se dedicava ao casamento, à casa e a Paul, servindo-o como uma esposa ideal deveria fazer, em sua concepção, com o tempo Paul iria conseguir retribuir o amor a Jill, não desapareceria mais, e nem bateria mais nela. Com o esforço e dedicação de Jill, e as mudanças em que ela esperava de Paul não haveria a ruptura da relação.

A satisfação conjugal é um dos aspectos que contribui para o comprometimento, diversos estudos têm investigado sua relação com a infidelidade. Em uma revisão sobre o assunto, Blow e Hartnett (citados por Sattler, Tavares & Silva, 2017) identificaram relações entre insatisfação conjugal e infidelidade, sendo que essa relação pode se mostrar particularmente relevante para as mulheres e para casos de infidelidade emocional. Não necessariamente a infidelidade ocorre em uma relação que esteja ruim. Em alguns casos, a relação pode, realmente, não ser satisfatória e a infidelidade pode representar uma forma de sair dessa relação. Entretanto, com frequência, a relação é satisfatória, mas tem algo que está faltando: percepção de falta de interesse no sexo, de sua parte, ou do parceiro/a; ou sentimento de falta de atenção ou companheirismo, tornando a pessoa mais vulnerável a sentir-se atraída por um terceiro, com desejo de sentir-se especial (Kirshenbaum, citado por Sattler, Tavares & Silva, 2017). Jim era infiel à esposa, alegava à Trudi, com quem teve uma relação extraconjugal, que havia casado cedo. Trudi por sua vez entendeu que Jim não ganhava a atenção que merecia, então a mesma se dispôs a estar livre o tempo necessário a Jim.

Trudi se dedicava inteiramente a Jim, a fim de fazê-lo feliz, e manter o relacionamento, abdicando do que a fazia bem. Segundo a sua compreensão, quanto mais fizesse isso, mais tempo Jim passaria com ela. Segundo Guimarães, Diniz e Angelim (2017), a presença do amor implica, no imaginário social, em aceitação incondicional das características do/a parceiro/a, em dedicação às suas necessidades e exigências, em abnegação, sacrifício e cuidado.

Por outro lado, Peggy conta através do seu relato que não amava seu marido. O divórcio pode ser um alívio real, parecendo assim a única solução. Um divórcio, um casamento desfeito, não tem apenas causas, mas também consequências. Alguns casamentos infelizes sustentam-se porque, apesar de razões que justificariam um afastamento, os parceiros não sabem o que querem, não tem outros objetivos, suficientemente fortes, além do alívio da dor (Anton, 2000). Como o caso de Peggy, a mesma acreditava que infelicidade não era motivo para a separação. Sabe-se que viver em um ambiente infeliz, com pessoas que causam desconforto é prejudicial à saúde psíquica do sujeito, levando possivelmente, ao adoecimento físico também.

A capacidade de amar e ser amado está relacionada com os vínculos de apego construídos quando criança, sendo que Lima (citado por Consoli, Bernardes & Marin, 2018) apontou que a escolha do cônjuge ocorre a partir das influências dos padrões de apego, isto é, projeta-se no outro o que desde criança serviu como um modelo de

identificação. Peggy queixa-se que o marido a criticava desde o início do relacionamento. A avó de Peggy também a criticava, pode-se compreender que Peggy está repetindo o padrão de amor que aprendeu na infância com a sua cuidadora, ela não conhece outra forma de ser amada, a não ser através de críticas.

Assim, essa categoria aborda que às vezes pode haver uma confusão entre amar e sofrer, em que muitas vezes o sujeito se submete a situações em que não o fazem bem para manter-se em um relacionamento, e acaba vivenciando um falso amor em que cria nas suas fantasias, com esperança que possa se tornar algo real.

No que se refere à categoria três – relacionamento com uma dependência patológica – é possível identificar o quanto as mulheres citadas ao longo desse trabalho acabam mantendo-se em relacionamentos da ordem da patologia, e tornando-se dependentes emocionais. Para algumas pessoas, o amor é uma carga, um doce e inevitável sofrimento ou uma cruz que têm que carregar porque não sabem, não podem ou não querem amar de forma mais saudável e inteligente (Riso, 2011).

Para Moral e Sirvent (citados por Bution & Wechsler, 2015), a dependência emocional é definida como sendo um padrão crônico de demandas afetivas insatisfeitas, que procuram ser atendidas através de relacionamentos interpessoais caracterizados como patológicos. Acredita-se que indivíduos que são dependentes emocionais das relações conjugais estabelecidas, possam não ter suprido suas necessidades afetivas na infância (Fonsêca, Couto, Silva, Guimarães & Macedo, 2020). O pai de Jill não conseguia demonstrar seus sentimentos em relação a ela na infância, e durante a adolescência, quando adulta, de forma inconsciente, e ela mantinha relacionamentos com homens que também não demonstravam sentimentos por ela.

Sujeitos com dependência emocional estabelecem relações desiguais de forma em que se colocam sempre no polo inferior à pessoa amada (Fonsêca Couto, Silva, Guimarães & Macedo, 2020). Quando Paul saiu para viver com outra mulher, Jill colocou-se em uma posição inferior, pensando que independentemente de quem fosse a mulher, seria melhor que ela, e a mesma tinha a compreensão que não era boa suficiente nem para Paul, e nem para outro homem.

Jill, através do seu relato diz entender porque Paul a deixou, e compreende também o motivo, e não o culpa, porque afinal nem ela se aguenta. Nesse momento, Jill está tendo que lidar com o vazio de estar sozinha, uma das características da dependência emocional patológica. O encontro com o vazio pode levar a novos conflitos, mesmo diminuindo o sofrimento, e alguns conflitos, sendo mais confortável ter do que se

lastimar, ter com quem brigar, do que sentir o vazio, deparar-se com si, e com os sentimentos que gera (Anton, 2000).

A terapia sistêmica de casal pode contribuir na relação de Jill e Paul. Através da história contada por Jill, o relacionamento é sinônimo de sofrimento, pois Paul não consegue demonstrar sentimentos em relação a ela, e a mesma, em função da dependência emocional patológica, precisa de Paul e do relacionamento. Segundo Lemaire (citado por Gomes & Levy, 2010), a orientação para a terapia de casal, se dá em situações em que os sujeitos apresentam a relação ou o parceiro como foco de seus sofrimentos. As queixas mostram uma dependência simbiótica entre eles ou uma relação conflituosa e agressiva.

Um dos comportamentos que dependentes emocionais patológicos apresentam é o da autodestruição, aumentando a chance de o indivíduo cometer suicídio ou para-suicídio, esse comportamento ocorreria na tentativa de evitar o abandono por parte do cônjuge, mostrando sua fraqueza (Bornstein, citado por Butin & Wechsler, 2016). Trudi atirou seu carro em um penhasco, cometendo um para-suicídio, pois a mesma alega que não tentou se matar para ter Jim de volta, mas por se sentir péssima e rejeitada por ele, tendo a esperança que quando Jim visse as fotos do acidente nos jornais entraria em contato com ela.

Riso (2011) afirma que é importante viver de amor, e não morrer em função dele. O amor não é uma prática masoquista no qual se perde o domínio de alguma obrigação imposta de fora ou de dentro. Para amar não é preciso morrer de amor, sofrer, desvanecer-se, ser uno ou perder a identidade: isso é dependência emocional patológica. Trudi tentou acabar com a própria vida para tentar ter Jim por algumas horas durante a semana, e assim manter o relacionamento deles. O tempo em que eles mantiveram o relacionamento, Trudi se dedicava inteiramente a Jim, querendo sempre agradá-lo, e vê-lo bem, esquecendo de si. Quando Jim parou de procurar Trudi, a mesma ficou sem saber o que fazer, pois até então ela vivia para fazê-lo feliz.

Segundo Souza (citado por Camicia, Silva & Schmidt, 2016), quando um jovem adulto não consegue diferenciar-se da família de origem, o mesmo segue reproduzindo padrões de relacionamentos afetivos, com os quais discorda muitas vezes. Trudi está repetindo um padrão que aprendeu na infância, tendo como base o relacionamento dos pais, algumas vezes ela e a irmã acompanharam a mãe cometendo para-suicídio, tomando medicação, para assim ter a atenção do esposo, pai das meninas. Trudi, quando adulta, está repetido com Jim o comportamento da mãe, em busca da mesma finalidade, que é atenção de Jim.

A terapia sistêmica pode auxiliar Trudi a entender melhor os comportamentos aos quais ela repete, advindos de sua família de origem, auxiliando, assim, na diminuição do sofrimento psíquico, e também nos relacionamentos conjugais que poderá estabelecer no futuro. A terapia individual sistêmica é indicada para casos, que por diversos motivos, não é possível realizar terapia de familiar ou de casal (Jenkins & Asen, citados por Camicia, Silva & Schmidt, 2016). Trudi não teria como realizar terapia juntamente com Jim, pois eles vivem um caso extraconjugal, o recomendado é ela buscar ajuda da psicologia para diminuir o seu sofrimento psíquico.

Alguns indivíduos acreditam que o amor é infalível, e com isso esquecem de algo básico para a sobrevivência amorosa: nem todas as propostas de afeto são adequadas ao nosso bem-estar. Algumas formas de amar são insuportáveis e esgotantes. Todo vínculo afetivo que atinge, de forma inadequada, valores essenciais, é impróprio para a felicidade, não importa quanto amor é dedicado (Riso, 2010). Peggy não se divertiu ao lado Brad, o mesmo lançou um olhar desaprovador para ela, quando saíram para almoçar, Peggy acredita ser porque seu carro era velho. Brad também demonstrava tensão e frieza, sendo que Peggy acreditou ser culpa sua. Ao final do encontro Peggy percebeu que ela e Brad não tinham nada em comum, sentiu-se desconfortável ao seu lado.

Conforme Dowling (citado por Boscardin & Kristensen, 2011), em alguns estilos de relacionamento, como por exemplo, nos quais existe um dependente emocional patológico, esse sujeito renuncia à própria identidade em favor de uma identidade junto à pessoa amada, por temer em ficar só. Os homens acabam contribuindo para que esse tipo de situação aconteça. Por mais que Peggy não se sentiu à vontade ao lado de Brad, quando o mesmo telefonou para ela, sentiu um alívio, pois no seu entender ele tinha se divertido para repetir o convite. Peggy estava deixando de lado os seus sentimentos em relação a Brad, para agradar a ele, e para não ficar sozinha, criando, assim, uma dependência emocional patológica em relação a Brad e ao relacionamento que os dois viriam a ter.

Autores como Lemaire, Eiguer e Levy-Alvarenga (citados por Gomes & Levy, 2010), consideram a terapia de casal como indicada para o favorecimento e desenvolvimento do vínculo conjugal quando os limites individuais são poucos claros, e os cônjuges, em função das suas próprias questões, se envolvem em pactos inconscientes que os imobiliza. Sendo recomendado a terapia de casal sistêmica para Peggy e Brad, por mais que seja início de relacionamento, Peggy se inibe frente a Brad, com medo dele não gostar dela, ou do seu jeito de ser e pensar, com isso ela não consegue expressar o que

sente. A terapia pode auxiliar Peggy a se comunicar com Brad em relação aos seus pensamentos e sentimentos, não precisando se inibir frente a determinadas situações.

Portanto, a discussão destes trechos do livro ilustrou aspectos teóricos de uma dependência emocional que passa dos limites de que seria considerado e esperado para um relacionamento conjugal. Assim entende-se que os objetivos deste estudo foram atingidos, na medida em que se discutiu as interferências da família de origem em relação a escolha do conjugue, o quanto para algumas pessoas amar significa sofrer, não conseguindo amar de outro jeito, e por fim, apresenta-se que alguns indivíduos se tornam dependentes emocionais patológicos dos relacionamento em que estão inseridos, não conseguindo separar o que é seu, e o que é do outro, tornando-se dependente do outro para sentir-se bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo principal identificar a dependência emocional patológica nos relacionamentos conjugais. Para que essas relações pudessem ser efetuadas, foi elaborado uma revisão teórica e histórica na área de psicologia que abordassem os conceitos de dependência emocional nas relações conjugais, com cunho patológico. As atribuições do profissional da psicologia, assim como da teoria sistêmica também foram relevantes. Ao longo desse estudo pode-se perceber a importância deste fenômeno no âmbito pessoal e conjugal, bem como nos conflitos que podem gerar sofrimento.

Com a utilização do artefato cultural “Mulheres que amam demais”, foi possível identificar a dependência emocional patológica. Com o aporte teórico e as pesquisas efetuadas com relação aos conceitos abordados, foi possível compreender este comportamento e o conflito gerado diante das situações apresentadas.

O objetivo com esse trabalho foi focar a dependência emocional nas relações conjugais, para assim compreender esse fenômeno, bem como a presença dela nos relacionamentos.

Ao estudar sobre dependência emocional patológica e as repercussões geradas na vida pessoal e conjugal, percebeu-se que é uma fonte de sofrimento para quem ama demais, pois essa pessoa não consegue sentir-se bem sem o amor do outro, e com isso, muitas vezes deixa de lado a sua identidade e a sua felicidade para agradar o amado.

Os trechos do livro apresentados nesse trabalho contribuem para a compreensão da dependência emocional patológica nos relacionamentos conjugais. Na categoria família de origem, por exemplo, foi possível compreender o quanto o modelo até então aprendido influencia na escolha do cônjuge. Referente a categoria dois, quando amar significa sofrer, fica evidente o quanto algumas pessoas compreendem o amor como sofrimento, assim como em contos de fadas, tele novelas, entre outros. Já na categoria três, relacionamentos patológicos, fica claro o quanto alguns sujeitos se inibem para estar em um relacionamento, mesmo que esse lhe cause sofrimento.

As atribuições da teoria sistêmica também foram encaixadas em alguns trechos descritos nesse trabalho. De acordo com aquilo que foi apresentado, pode-se pensar sobre

o quanto a teoria sistêmica pode contribuir nas situações apresentadas. Diante disso foi possível apresentar algumas intervenções e formas que o profissional poderia trabalhar com casais, ou até mesmo em situações individuais.

É possível afirmar que o presente trabalho atinge os objetivos propostos, uma vez que houve a descrição da teoria sistêmica e o estudo nas relações conjugais, relações conjugais, e dependência emocional. Foram apresentados trechos do livro propostas para cada categoria e a relação das mesmas com a teoria, o que levou a uma discussão envolvendo possíveis respostas para o problema de pesquisa.

Este trabalho torna-se relevante por se tratar de um assunto que vem sendo estudado, e está se tornando cada vez mais presente no âmbito de pesquisas para melhor entendê-lo, assim como a discussão de ser ou não uma patologia, muitos autores divergem se a dependência emocional é ou não uma patologia. Devido a importância desse assunto a continuação de estudos nessa área torna-se de suma importância ampliando assim os conhecimentos acerca do tema.

REFERÊNCIAS

- Acsegrad, M., & Barbosa, R. R. L. (2017). O amor nos tempos do Tinder: Uma análise dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade a partir da compreensão de adultos e jovens adultos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(1), 161-180. Acessado em 25 de Março, 2020, <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451855912010.pdf>
- Alves, J. D.S., Scorsolini, F.C., & dos Santos, M. A. (2016). Casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50. Acessado em 28 de Abril, 2020, <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2016.91.03/5365>
- Anton, I. L. C. (2000). *A escolha do cônjuge*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Aya-Angarita, S. L. Mg., & García, Carlos I. S. (2020). O universo emocional nas interações pais-filhos: uma abordagem ao estado da arte. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 18(1), 118-134. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://dx.doi.org/10.11600/1692715x.18106>
- Bastos, V., Rocha, J. C. & Almeida, T. de. (2019) Os efeitos do rompimento de um relacionamento amoroso em estudantes universitários. *Psic., Saúde & Doenças*. 20(2): 402-413. Acessado em 15 de Outubro de, 2020, http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862019000200010
- Borges, C. D. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103. Acessado em 12 de Outubro, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000300008

- Bernardes, B. & Castro, E. K. de. (2010). Dor abdominal recorrente na criança como sintoma da família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (2), 217-226. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200003>
- Boscardin, M. K., & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia da IMED*, 3(1), 517-526. Acesso em 19 de Março, 2020, <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/85/78>
- Bution, D. C., & Wechsler, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 7(1), 77-101. Acessado em 27 de Março, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006
- Camicia, E. G., Silva, S. B. D., & Schmidt, B. (2016). Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: Um estudo de caso clínico. *Pensando famílias*, 20(1), 68-82. Acessado em 29 de Outubro, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100006&lng=pt&nrm=iso
- Cassiani, S. D. B., Caliri, M. H. L. & Pelá, N. T. R. (1996). A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa [Versão Eletrônica]. *Revista latinoamericana de enfermagem*, 4(3), 75-88. Acessado em 28 de Março, 2020, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691996000300007&script=sci_arttext&tlng=pt
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Artmed.
- Carvalho, I.C. de, & Rocha, F. N. da (2018). Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. *Revista Mosaico*, 9(2), 10-17. Acessado em 28 de Abril, 2020, <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1449/pdf>

- Chueke, G. V. & Lima, M. C. (2011). Pesquisa Qualitativa: Evolução e Critérios. *Revista Espaço Acadêmico*, 11(128), 63-69. Acesso em 29 de Setembro, 2018, de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12974>
- Colossi, P. M. & Falcke, D. (2019). Implicações das experiências na família de origem e infidelidade nas relações amorosas de violência. *Trends in Psychology*, 27 (2), 339-355. Acessado em 08 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.9788/tp2019.2-04>
- Consoli, N., Wagner, J. B., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329. Acessado em 20 de Outubro, 2020, <https://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409>
- Costa, C. B. D., Delatorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2017). Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: uma revisão sistemática. *Psicologia: ciência e profissão. Brasília. Vol. 37, n. 1 (jan./mar. 2017), p. 208-223*. Acessado em 29 de Abril, 2020, <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n1/1982-3703-pcp-37-1-0208.pdf>
- Coutinho, S. M. D. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: " Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. Acessado em 28 de Abril, 2020, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200007&script=sci_arttext&tlng=pt
- Cúnico, S. D. & Arpini, D. M. (2014). Não basta gerar, tem que participar?: um estudo sobre a ausência paterna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 226-241. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100016>
- Cuevas, V. M. C. (2017). O papel da avó na família monoparental feminina. Estudo de caso. *Ajayu Organ of Scientific Dissemination of the Department of Psychology UC BSP*, 15 (2), 153-171. Acessado em 15 de outubro de ,2020, de http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2077-21612017000200003&lng=es&tlng=es.

- Dantas, S. G. (2015). Felicidade com vista para o mar: a construção discursiva do relacionamento amoroso na série 3 Teresas. *RuMoRes*, 9(18), 345-364. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/97917/107031>
- Delatorre, M. Z. & Wagner, A. (2018). Gestão de conflitos conjugais entre homens e mulheres casados. *Psico-USF*, 23 (2), 229-240. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230204>
- Diniz Neto, O., & Feres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: marcadores e preditores. *Interação em Psicologia*, 14(2). Acessado em 1º de Maio, 2020, <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/15402/13928>
- Emidio, T. S., & Rodrigues, J. A. (2019). “Obrigado por existir”: um estudo psicanalítico acerca do sentimento de gratidão nas relações amorosas. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(2), 20-40. Acessado em 25 de Março, 2020, <http://www.uel.br/seer/index.php/eip/article/view/30402/26274>
- Fabeni, L., Souza, L. T. D., Lemos, L. B., & Oliveira, M. C. L. R. (2015). O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. *Revista do NUFEN*, 7(1), 32-47. Acessado em 27 de Abril, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003
- Féres-Carneiro, T. (1994). Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível?. *Temas em Psicologia*, 2(2), 53-63. Acessado em 1º de Maio, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200006
- Fonsêca, P. N. da, Couto, R. N., Silva, P. G. N. da, Guimarães, C. L. C. & Machado, M. de O. S. (2020). Evidências psicométricas do Cuestionario de Dependencia Emocional (CDE). *Avaliação Psicológica*, 19(1), 67-77. Acessado em 13 de Outubro, 2020, <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1901.16791.08>
- Gabriel, M. R. & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 16(3), 253-

261. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300007>

Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa (4ª ed.) [Versão Eletrônica]. São Paulo: Atlas. Acesso em 28 de Abril, 2020, http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf

Godoy, A. S. (1995). Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. Acesso em 28 de Abril, 2020, <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>

Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias*, 18(2), 3-16. Acessado em 1º de Maio, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002

Gomes, I. C., & Levy, L. (2010). Indicações para uma terapia de casal. *Vínculo-Revista do NESME*, 7(1), 13-21. Acessado em 28 de Outubro, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100003&lng=pt&nrm=iso

Guimarães, F. L., Diniz, G. R. S. & Angelim, F. P.. (2017). "Mas Ele Diz que me Ama...": Duplo-Vínculo e Nomeação da Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e3346. Acessado em 19 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3346>

Hoyos, M.L., Jaramillo, C.J., Calle, A.M.G., León, Z.T.D. & De la Ossa, D. (2012). Perfil cognitivo da dependência emocional em universitários de Medellín, Colômbia. *Universitas Psychologica*, 11 (2), 395-404. Acessado em 27 de Abril, 2020, <http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v11n2/v11n2a04.pdf>

Humérez, L. V. P. & Gonzales, S. R. (2020). Relação entre esquemas desadaptativos com dependência emocional em mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. *Revista de Investigación Psicológica*, (23), 9-34. Acessado em 13 de

Outubro, 2020, http://www.scielo.org.bo/scielo.php?pid=S2223-30322020000100003&script=sci_abstract&tlng=en

Laville, C. & Dionne, J. (1999). A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. [Versão Eletrônica] (H. Monteiro & F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artmed. Acesso em 28 de Abril, 2020, https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/287028/mod_resource/content/1/Laville%2C%20Christian%20%20Dionne%2C%20Jean_A%20Construcao%20do%20Saber%20%28completo%29.pdf

Levy, L., & Gomes, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia clínica*, 20(2), 163-172. Acessado em 8 de Outubro, 2020, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000200012&script=sci_arttext&tlng=pt

Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. (M. L. Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Macedo, A. A. (2017). Escolhendo escolher: motivos e expectativas com relação ao casamento. *Temas em Educação e Saúde*, 13(2), 209-223. Acessado em 14 de Outubro, 2020, <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10159/6879>

Manente, M. V. (2019). Casamento de longa duração à luz da terapia sistêmica familiar: um levantamento da produção contemporânea. *Pensando famílias*, 23(1), 47-57. Acessado em 29 de Abril, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100005

Martini, J. S. (2012). Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. *Revista da Graduação*, 5(2). Acesso em 19 de Março, 2020, <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/12430/8348>

Melo, O., & Mota, C. P. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587-597. Acessado em 27 de Abril, 2020, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722013000400002&script=sci_arttext

- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar* (C. Kinsch & M. E. F. R. Maia, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1981)
- Norwood, Robin. (2011). *Mulheres que amam demais* (M. C. de Biase, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1985).
- Paixão, G. P. D. N., Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Couto, T. M., Vianna, L. A. C., & Santos, S. M. P. D. (2014). Situações que precipitam conflitos na relação conjugal: o discurso de mulheres. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 23(4), 1041-1049. Acessado em 28 de Abril, 2020, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71433508027>
- Pharo, P. (2015). Sociologia moral das dependências motivadas: o caso da dependência amorosa. *Sociologias*, 17(39), 198-223. Acessado em 27 de Abril, 2020, https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222015000200198&script=sci_arttext
- Porreca, W., (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35 (7). Acessado em 8 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Quissini, C., & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando famílias*, 18(2), 34-47. Acessado em 28 de Abril, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200004
- Rosa, C., & Gonçalves, M. (2010). Um olhar empírico sobre a identidade dialógica: Um estudo sobre a conjugalidade. *Psychologica*, (53), 81-108. Acessado em 13 de Outubro, 2020, https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_53_5/529
- Raupp, F. M. & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas.

- Razera, J., & Falcke, D. (2014). Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar?. *Aletheia*, (45), 156-167. Acessado em 28 de Abril, 2020, <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115048474012.pdf>
- Riso, W. (2010). *Amores de alto risco*. (M. Aseff, Trad.) São Paulo: L&PM.
- Riso, W. (2011). *Manual para não morrer de amor*. (S. M. Dolinsky, Trad.) São Paulo: Academia de Inteligência.
- Sattler, M. K., Tavares, A. C. C. N., Silva, I. M. da. (2017) A infidelidade no relacionamento amoroso: possibilidades no trabalho clínico com casais. *Pensando famílias*, v. 21, n. 1, p. 162-175. Acessado em 16 de Outubro, 2020, <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36989>
- Scorsolini, F.C., & Santos, M. A. dos. (2014). De que substância é feito o amor?: A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Rev. Subj.* [online], vol.14. Acessado em 28 de Abril, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. *Pensando famílias*, 18(2), 17-33. Acessado em 29 de Abril, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003
- Tello, J. J. A. (2015). Dependência emocional de mulheres vítimas de violência por parceiros íntimos. *Revista Psicologia*, 33 no.2, 411-437. Acessado em 27 de Abril, 2020, http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0254-92472015000200007
- Villa-Moral, M. da, Sirvent, C., Ovejero, A. & Cuetos, G. (2018). Dependência emocional dos relacionamentos e síndrome de Artemis: modelo explicativo. *Terapia psicológica*, 36 (3), 156-166. Acessado em 27 de Abril, 2020, <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082018000300156>
- Vian, M., Mosmann, C. P. & Falcke, D., (2018). Repercussões da Conjugalidade em Sintomas Internalizantes e Externalizantes em Filhos Adolescentes. *Psicologia:*

Teoria e Pesquisa, 34, e34431. Epub 16 de maio de 2019. Acessado em 15 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34431>

von Muhlen, B. K., & Sattler, M. (2016). Empoderando mulheres nas relações conjugais: rumo à satisfação conjugal. *Pensando famílias*, 20(2), 192-201. Acessado em 29 de Abril, 2020, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200014

Xavier, Vera Regina. (2013). Género y dinero: múltiples matices en la relación de pareja. *Psicología em Estudo*, 18(2), 363-369. Acessado em 13 de Outubro, 2020, <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000200017>